

Laços e enlacs: sociabilidades, personagens e distinções nos quadros de formatura

Nelson Maurilio Coelho Junior¹

Resumo: Este texto explora as possibilidades de pesquisa proporcionadas pelo estudo dos quadros de formatura do Curso Normal produzidos (durante a década de 1920) e expostos até os dias atuais nas paredes do Colégio Coração de Jesus – CCJ, na cidade Florianópolis/SC. Os quadros de formatura figuram entre os vários componentes materiais que constituem a escola e sua cultura e foram analisados como elementos constitutivos da cultura escolar. Para o desenvolvimento da análise foram convocados os estudos de Souza (2007), que apresenta os estudos sobre cultura material escolar como ampliação de possibilidades de investigação do fazer pedagógico na passagem do tempo; Ricoeur (2008), que percebe a memória como força vibrante aderida a História; o conceito de “espaço de sociabilidade” explorado por Sirinelli (1986), Simmel (1983) e Gomes (1993), que entendem, esses espaços, como ambientes de trocas e reciprocidades, que criam e reforçam laços ao longo do tempo. Nesta linha de análise foi possível investigar desde sua constituição material gestada nas vivências escolares que acionaram seu uso, exposição e permanência no acervo, até as representações sociais que ficaram impressas em suas composições. Com efeito, os quadros de formatura do CCJ são portadores da capacidade de perenizar rituais, saberes e práticas na passagem do tempo. São manifestações materiais resultantes das vivências da época em que foram produzidos e depositários de sentidos que deviam perpetuar.

Palavras-chave: História da Educação. Cultura material escolar. Quadros de formatura. Colégio Coração de Jesus. Sociabilidade.

Dentre os vários componentes materiais que constituem a escola e sua cultura estão os quadros de formatura, objetos aqui concebidos como um dos elementos constitutivos da cultura escolar. Dependurados nos corredores para serem vistos, estes artefatos fazem parte da coleção de objetos atual Colégio Bom Jesus/Colégio Coração de Jesus - CCJ, em Florianópolis (SC). São vestígios cristalizados de outros tempos e perspectivados pela análise do agora.

Este texto dispõe-se a situar tais objetos sob a perspectiva da reflexão teórica e sistematizar as discussões dos autores que estudam temas correspondentes, articulando discussões do campo da cultura material da escola. Como referência empírica será apresentada uma análise do quadro de formatura de 1922 (Figura 1) – o mais antigo do acervo – como portador de indícios das redes de trocas entre o colégio e o poder instituído.

¹ Doutorando em Educação, na Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação, pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Email: nelsonmacjr@yahoo.com.br



Figura 1 - Quadro de formatura de 1922
Acervo do Colégio Bom Jesus (antigo Colégio Coração de Jesus)
Dimensão: 47 cm. X 75 cm
Fotografia do acervo do autor (2011)

Assim como os outros objetos utilizados pelo colégio durante a sua trajetória na cidade de Florianópolis, os quadros de formatura podem ser analisados como manifestação na dimensão da cultura material escolar. De acordo com Souza (2007) a cultura material escolar é composta por

artefatos e contextos materiais relacionados à educação escolarizada, a expressão não apenas amplia o seu significado reinserindo as edificações, mobiliário, os materiais didáticos, os recursos audiovisuais, e até mesmo as chamadas novas tecnologias do ensino, como também remete à intrínseca relação que os objetos guardam com a produção de sentidos e com a problemática da produção e reprodução social (SOUZA, 2007, 170).

Para a autora, a cultura material escolar deriva entre outros fatores, dos estudos centrados na cultura escolar, enriquecidos pela ampliação do horizonte dos documentos proporcionada pela História Cultural, e do empenho de historiadores em preservá-los e problematizá-los. Os objetos escolares podem ser analisados a partir de seus efeitos nos usos e desusos no cotidiano escolar. Além disso, é possível investigá-los como frutos da expansão da sociedade industrial incluindo a escola como um dos espaços privilegiados do circuito comercial da economia capitalista e a expansão da escolarização das massas.

Os estudos que se propõem analisar quadros de formatura ainda carecem de mais produção bibliográfica, sendo a análise de Werle (2006), o mais reconhecido já publicado sobre o assunto. A autora desenvolveu sua pesquisa através da análise dos quadros de formatura confeccionados no início do século XX em dois colégios masculinos e duas escolas femininas do Rio Grande do Sul. As pesquisas de Schwartzman et al (2001) também merecem atenção pelo fato de explorarem como estes suportes podem resguardar em suas composições

imagéticas, as representações sociais de contexto que os materializou. A análise de Marinho (2002), parte do encontro do autor com um quadro de formatura e seus questionamentos sobre as forças que colaboraram para sua emergência. Segundo ele, esses suportes reservam um ambiente impar de imagens do passado, que podem ser analisadas a partir de aproximações com a arte pictórica. Ainda sobre o tema Coelho Júnior (2013), analisa parte da coleção de quadros de formatura do Curso Normal na cidade de Florianópolis, e aponta para possíveis entradas de pesquisa sobre o tema. É salutar lembrar que as pesquisas envolvendo os quadros de formatura demonstram a existência de uma produção e circulação comercial ampliada desses objetos. Desse modo, é possível constatar que os quadros não são invenções do CCJ, pois foram projetados, construídos e consumidos em outras instituições de ensino em diferentes circunstâncias. Essa replicação oferece uma oportunidade para investigações futuras, que podem contribuir para a ampliação da análise aqui proposta.

O Quadro posto em cena

O quadro colocado em cena nesta análise é parte integrante de um montante de 20 quadros de formatura, sendo 16 de parede 4 portáteis ou de mesa. Na superfície desses artefatos ornados por molduras, pinturas feitas à mão, rococós, lemas e outros ordenamentos estéticos herdados da tradição pictórica encontram-se as coleções fotográficas das primeiras turmas de normalistas do CCJ, na cidade de Florianópolis, capital de Santa Catarina. As fotografias dessas composições pretendem construir uma narrativa através do ordenamento de rostos imóveis congelados pela lente do fotógrafo.

Assim como na memória, a coleção de quadros de formatura resulta de um jogo de lembrança e esquecimento que sofreu alterações, desde sua materialização até o processo de análise nessa pesquisa. Convém salientar que, neste trabalho, a memória é compreendida pela perspectiva de Ricoeur (2003), já citado anteriormente, que a percebe como uma força vibrante e aderida a História. A memória e a História convivem em um fluxo contínuo de trocas e sustentação. A História por sua proximidade enreda-se na memória que lhe dá acesso ao passado através do reconhecimento do que passou como digno de validação pelo que ainda está passando. O historiador faz a reapropriação do passado e transmuta em conhecimento histórico os resíduos da passagem do tempo transmitidos e reconhecidos pela memória. Uma memória aderida sujeita a perturbações e resultante de um processo longo de interferências decorrentes de um tempo que já não está lá, mas esteve e que pode ser reapropriada

historicamente. O quadro de 1922 é um objeto de celebração submetido a constantes confrontos entre a memória socialmente construída e rememorada pela exposição, bem como, o esquecimento que envolve essas trocas, pois “se somos incapazes de lembrar de tudo, somos ainda mais incapazes de tudo narrar” (RICOEUR, 2003, p. 7).

Assim como nos quadros de formatura de outras instituições de ensino da época, os quadros de formatura do CCJ trazem em suas estruturas uma coleção de retratos, onde a presença de paraninfos e homenageados é marcante e preponderante sobre as outras imagens da composição. Quem eram esses personagens? Por que aceitaram participar da composição construída no quadro de 1922? Como o colégio articulava com o poder instituído através das homenagens? A dimensão das fotografias, os adereços e emblemas destacam alguns personagens e fixam o olhar do observador. A formatura era amplamente divulgada nos jornais de circulação local, onde os leitores tomavam ciência dos desdobramentos desse e de outros eventos do CCJ. As descrições do evento não poupavam espaço publicitário e geralmente estampavam as capas do Jornal *República* e *O Estado*. Os jornais, assim como os quadros atuaram como veículos de divulgação das formaturas do colégio para a sociedade catarinense e deram visibilidade aos atores da formatura. Escrita e imagem serão entrecruzadas no intuito de complementar a análise das questões que sustentaram a colação de grau das primeiras normalistas formadas pela instituição.

As formaturas entre sociabilidades e distinções: sutilezas retóricas e pictóricas

Os primeiros quadros de formatura do CCJ podem ser entendidos como o registros sociais de uma rede de encontros e vivências nas diferentes áreas de atuação na capital catarinense. Os quadros cristalizaram alguns personagens que participavam da formatura e que podem ser mapeados na cena de sua composição imagética. O registro de várias personalidades da cidade apresenta as formaturas como um espaço de trocas e reconhecimento. Na coleção fotográfica do quadro de formatura da turma de normalistas de 1922, nove retratos estão organizados da seguinte maneira: três fotografias retangulares de homenageados - D. Joaquim de Oliveira, arcebispo metropolitano, Olavo Freire Junior, secretário particular do governador e o professor Henrique da Silva Fontes (paraninfo) –, e seis fotografias recortadas em moldes circulares de dimensões menores do que as fotografias dos homenageados contendo as imagens das formandas: Urânia Gentil (oradora), Alzira

Melchiades, Dilza A. Carvalho, Lygia Freitas, Maria do Espírito Santo Vieira, e Maria Perrone.

A presença de autoridades como D. Joaquim de Oliveira, arcebispo metropolitano, Olavo Freire Junior, secretário particular do governador e do paraninfo da turma, o professor Henrique da Silva Fontes, ocupante de um cargo público equivalente ao do secretário da educação estadual parece indicar um acontecimento mais abrangente e capaz de extrapolar os limites da celebração de uma formatura. Este sentido ampliado sugere uma relação de trocas recíprocas entre os convidados e a instituição. O arranjo fixado no quadro parece sinalizar para um provável evento social de trocas, amizade, aceitação, lembrança e reconhecimento entre os envolvidos. Esta dinâmica de trocas sociais permite mobilizar o conceito de “espaço de sociabilidade”. Trata-se de dois conceitos em um, pois envolve um lugar vivo e em movimento: a formatura que pode ser denominado como espaço e o de sociabilidade entre os participantes do evento. Entendendo o espaço como um lugar geográfico onde ocorrem as práticas sociais, Certeau (1994) descreve que as concepções ocidentais sobre lugar e espaço as entendem como entidades conectadas, mas pertencentes a dimensões distintas. O espaço pode ser concebido no sentido absoluto, onde ocorrem as interações históricas com o meio – lugar – ou as relações com o mundo. Espaço é movimento da ação humana no lugar geográfico, e como ação vive, luta, pulsa, “em suma o espaço é o lugar praticado” (CERTEAU, 1994, p. 202).

Os quadros de formatura podem ser lidos como vestígios de um “lugar praticado” pelo colégio para promover o encontro ou a aproximação entre de diferentes agentes sociais. As formaturas cristalizadas no registro imagético dos quadros de formatura parecem compor uma intenção de reforçar a ideia de confraternização, melhor dizendo, a sociabilidade entre seus personagens e a instituição, que divulgou o acontecimento nos jornais da época. O conceito de sociabilidade foi estudado por vários autores, dentre eles vale destacar a tese do Maurice Agulhon², que estudou as diversas associações existentes na Região de Aix-en-Provence, no Sul da França, no final do século XVIII. Suas investigações descrevem associações formadas nas confrarias, clubes, associações populares, lojas maçônicas, como um fenômeno social

² Esta tese recebeu o título de: *Penitents et francs-maçons de l'ancienne Provence: essai sur la sociabilité méridionale*. Inicialmente publicada em 1968 recebeu novas inserções e foi ampliada em uma edição lançada no ano de 1984. Nessa última publicação o autor comunica que na primeira versão produzida em 1966 intitulada: *La sociabilité méridionale (confréries et associations en Provence orientale dans la deuxième moitié du XVIII e siècle)*. Ver: AGULHON, Maurice. **Penitents et francs-maçons de l'ancienne Provence: essai sur la sociabilité méridionale**, 3.ed. Paris: Fayard,1984.

ligado pelo gosto de se agrupar, de reunir, que o autor denominou de sociabilidade. A sociabilidade ocorre pelos agrupamentos sociais engendrados na diversidade dos jogos sociais construídos através de intercâmbios, trocas e reciprocidades.

O quadro de formatura de 1922 aponta para um encontro entre instituição escolar, autoridades educacionais, políticas e religiosas. Um lugar de sociabilidade, capaz de aproximar, reunir e facilitar intercâmbios, adesões, acordos, e inumeráveis outros elementos constitutivos do jogo social. No entanto, essas trocas, na maioria das vezes, não são visíveis e acontecem simbolicamente. Estar na formatura poderia sugerir uma adesão, um aceite, uma colaboração em um evento que provavelmente envolvia forte aceitação social. Contar com a presença de uma personalidade proeminente vinculada ao poder político, econômico ou religioso, também poderia agregar prestígio e reconhecimento ao colégio. As interações sociais que permeavam o evento da formatura existem em uma dimensão abstrata e seus registros só podem ser lidos nas entrelinhas do acontecimento. Sobre a abstração que envolve essas relações de trocas, Simmel (1983) descreve a sociabilidade como trocas relacionais, onde os indivíduos contatam, interagem e conectam-se a uma determinada rede social. A reciprocidade é uma característica marcante da sociabilidade, pois nasce das interações sociais criando trocas contínuas entre círculos sociais de indivíduos que se identificam pelo compartilhamento de valores, interesses, crenças, capital econômico, etc.. O autor afirma ainda que, a sociabilidade é um fenômeno das cidades modernas, onde a aglomeração humana e a aceleração de seu funcionamento, em torno do dinheiro deve propiciar os encontros entre desconhecidos. Um encontro físico marcado pelo desencontro espiritual. Essa contradição é resolvida pela aproximação via sociabilidade, uma vez que

interesses e necessidades específicas certamente fazem com que os homens se unam em associações econômicas, em irmandades de sangue, em sociedades religiosas, em quadrilhas de bandidos. Além de seus conteúdos específicos, todas estas sociações também se caracterizam, precisamente, por um sentimento, entre seus membros, de estarem sociados, e pela satisfação derivada disso. Os sociados sentem que a formação de uma sociedade como tal é um valor; são impelidos para essa forma de existência. (...) Pois a forma é a mútua determinação e interação dos elementos da associação. É através da forma que constituem uma unidade. (SIMMEL, 1983, p. 168/169).

A presença das autoridades no quadro de formatura de 1922 pode ser entendida como uma tentativa dos participantes de publicizarem a sua participação, e por estarem juntos no evento demonstrarem que compartilham dos mesmos valores, crenças interesses, projetos, etc... Por tratar-se de uma capital de estado em processo visível de urbanização e expansão, o favorecimento dos encontros também é valorizado, devido as dificuldades impostas pelo

anonimato imposto pelos ambientes urbanos. O encontro nesses espaços de trocas podiam trazer ganhos duradouros para os participantes. Ao examinar a dinâmica das interações sociais nos meios intelectuais Sirinelli (2003, p.248), descreve um ambiente de trocas e reciprocidades que criam laços que podem se perpetuar por um longo tempo. Segundo o autor

(...) é necessário fazer uma arqueologia, inventariando as solidariedades de origem, por exemplo, de idade ou de estudos que constituem, muitas vezes, a base das redes de sociabilidades de intelectuais adultos. (...) no caso dos acadêmicos, remontar a seus jovens anos escolares e universitários, numa idade em que as influências se exercem sobre um terreno móvel e em que uma abordagem retrospectiva permite reencontrar as *origens* do despertar intelectual e político.

O autor descreve ainda, que a sociabilidade, ao criar conexões entre desconhecidos fortalece o encontro através das redes de sociabilidade: "estruturas que permitem intercâmbio e fortalecimento de laços" (SIRINELLI, 2003, p. 265). Dessa maneira pode-se inferir que o quadro de formatura de 1922 apresenta uma parte das conexões sociais desenvolvidas nas cerimônias de formatura do CCJ. Essas conexões entre os participantes e a instituição de ensino indicam a presença de uma rede invisível, que une todos os participantes. Essa rede amalgamada pelas trocas ocorridas nos espaços de sociabilidade pode ser interpretada como a tentativa de constituir, no espaço da formatura, uma rede de sociabilidade capaz de ligar os participantes e criar laços duradouros e determinantes em suas trajetórias. Ao estudar as conexões veladas que ocorriam nos ambientes intelectuais, Gomes, (2004, p. 51) descreve que

(...) o intelectual precisa estar envolvido com um circuito de sociabilidade que, ao mesmo tempo, o situe nem mundo cultural e lhe permita interpretar o mundo político e social do seu tempo. Por isso, afirma-se que não é tanto a condição de intelectual que desencadeia uma estratégia de sociabilidade e, sim, ao contrário, a participação em uma rede de contatos é que demarca a específica inserção de um intelectual no mundo cultural. Intelectuais são, portanto, homens cuja produção é sempre influenciada pela participação em associações, mais ou menos formais e em uma série de outros grupos que se salientam por práticas culturais de oralidade e/ou escrita.

Para a autora, as redes de sociabilidade são fenômenos sociais que atuam no processo de facilitação de intercâmbios entre grupos afins, pois funcionam "como um conjunto de formas de conviver com os pares, como um domínio intermediário entre a família e a comunidade cívica obrigatória" (GOMES, 1993 p. 64). Por esta ótica é possível entender as redes de sociabilidade como uma forma de interação social localizada numa zona entre o núcleo familiar e a sociedade em que o indivíduo está inserido. As redes podem ser permanentes ou de curta duração e podem se manifestar em variados graus de institucionalização. Além do termo circuito, Gomes (2004, p. 52) faz uso do termo lugares de sociabilidade, "entendido como espaço de constituição de uma rede organizacional (que pode

ser mais ou menos formal/institucional) e como um microcosmo de relações afetivas (de aproximação e/ou de rejeição), tem-se afirmado como de particular utilidade para tais análises.” A sociabilidade ocorre no jogo das interações sociais, que pertence à um tempo e lugar. Logo, as redes de sociabilidade se dão, no movimento, na dinâmica da vida onde alguns lugares são eleitos para acentuar as conexões entre indivíduos e grupos. Esses lugares serão tratados aqui como espaços de sociabilidade e parte de seu funcionamento ficou cristalizado no quadro de formatura.

Os Homenageados e as Normalistas

Os homenageados, no quadro de formatura analisado aqui, podem ser observados no alto da composição e emprestam e recebem, por meio deste artefato de exposição, um pouco de seu prestígio e reconhecimento social. O professor Henrique da Silva Fontes, paraninfo da formatura, figura entre os intelectuais em evidência na época. Quando diretor do Jornal *A Época*, na década de 1910, Fontes utilizou esse veículo de comunicação para louvar as ações governamentais, principalmente no que se refere a construção dos grupos escolares, através de uma série de artigos publicados naquele período, segundo o autor,

nas cidades onde a densidade da população requer várias escolas públicas primárias, em vez de se disseminarem todas elas aqui e acolá, umas a pouca distância das outras, são muitas vezes reunidas algumas em um só edifício, constituindo o que se chama um Grupo Escolar. Este sistema vai ser adotado entre nós (*A Época* n. 12, 1º/1/1911).

Os grupos escolares inaugurados na época representavam a passagem do arcaísmo e atraso do império para a modernidade festejada pela república. A construção dos grupos escolares reforçava a ideia do sucesso republicano vinculada ao progresso.

Inaugurados com pompa e circunstância em Santa Catarina a partir de 1911, os grupos escolares deveriam, através de um currículo inspirado nos pressupostos da Pedagogia Moderna, sintonizar o povo catarinense ao projeto civilizador que tem na escola de massas dos séculos XIX e XX uma de suas instituições mais importantes. Por meio da alfabetização, da educação moral e cívica, do acesso a conhecimentos científicos básicos, da contemplação e do manuseio de modernas e sofisticadas instalações e materiais pedagógicos, objetivava-se integrar (seja o imigrante, seja o ‘nativo’), nacionalizar, higienizar, racionalizar o homem e a pólis. (SILVA & TEIVES, 2009)

O jornal parece ter servido de ponte entre Henrique Fontes e as peças chave do campo político. Seus artigos de apoio ao empreendimento dos grupos escolares parecem ter encontrado ressonância nas autoridades locais e sugerem uma tentativa bem sucedida de sociabilidade com o poder estabelecido. Em 1920, o professor e escritor da Série fontes – livros didáticos que foram distribuídos a partir do início da década de 20 para o ensino

público catarinense - foi nomeado para o cargo de Diretor da Instrução Pública, no governo Hercílio Luz.

A presença de D. Joaquim de Oliveira, arcebispo metropolitano, entre os homenageados no quadro de formatura de 1922 remete às forças que arquitetaram a instalação da instituição em terras catarinenses. De acordo com os estudos de Dallabrida (2002), sobre a emergência das escolas confessionais na cidade de Florianópolis – em especial o Colégio Catarinense – no final do século XIX, ocorreu um movimento que visava atrair ordens e congregações religiosas para montar escolas católicas no estado.

Seu registro no quadro de formatura de 1922 divulgava e perenizava o reconhecimento e a legitimação da Igreja Católica à formatura das normalistas do CCJ. A Primeira Guerra Mundial e a política de nacionalização iniciada no governo de Vidal Ramos criou uma situação desconfortável para as irmãs da Divina Providência. As escolas com vínculos estrangeiros ficaram vulneráveis e o CCJ, localizado numa cidade de colonização açoriana precisava legitimar perante a sociedade catarinense seu comprometimento com o catolicismo, civismo e os valores nacionais. A homenagem a D. Joaquim cristalizada no quadro de formatura de 1922 pode ser interpretada como testemunha do reconhecimento da instituição perante os guardiões dos princípios pátrios e católicos.

Olavo Freire Junior foi superintendente substituto do prefeito de Florianópolis entre o ano de 1922 e 1923, portanto autoridade máxima do município. A presença do prefeito estabelece uma ligação entre o CCJ e o poder local. Sua imagem no quadro de formatura transfere legitimidade política e busca afirmar a instituição como espaço reconhecido de formação de professores. A formatura das alunas procedentes de famílias abastadas e influentes da cidade conferia ao jovem superintendente a distinção e o reconhecimento institucional pelo cargo ocupado. A celebração da formatura tornava-se dessa forma um espaço forjado de composições e acordos nas mais diversas esferas de poder, um acontecimento festivo permeado de reciprocidades celebrando os laços e enlaces de seus participantes com a educação.

As fotografias dos homenageados aparecem em destaque, nos lados direito e esquerdo da composição. Seus retratos retangulares e de dimensões maiores do que as fotos das formandas apresentam homens devidamente paramentados de acordo com suas profissões e portadores de um olhar sério e focado. As imagens buscavam representar o caráter firme de homens públicos de destaque. Esta distribuição das fotografias parece fazer parte de uma tradição,

pois pode ser reconhecida facilmente em quadros de formatura produzidos e consumidos por outras instituições de ensino.

Os retoques artísticos pintados à mão pelo autor do quadro, Arthur Carmo, delegam às fotografias um ar de requinte e refinamento artístico herdados de séculos de tradição da arte pictórica. Esses retoques de linhas finas e precisas são mais elaborados em torno da fotografia do paraninfo dando-lhe mais destaque na composição e contribuindo para fixar o olhar do observador. Essas molduras ou bordaduras margeiam as fotografias e isolam-nas do todo que as cerca em um efeito parecido com a moldura externa. As margens produzidas no interior do quadro forçam o recorte do olhar e criam limites de observação no movimento de transição entre as imagens. Mesmo não estando no centro da composição, as fotografias dos homenageados os colocam em um primeiro plano de observação. Os protagonistas do quadro de formatura de 1922 eram personagens de proeminência no campo educacional catarinense no momento da formatura. Tanto os homenageados, quanto as alunas deveriam representar o investimento do Estado republicano, da Igreja Católica, das famílias e da instituição de ensino no processo de escolarização.

O “artista fotógrafo”³ Arthur Carmo pintou no quadro de formatura a imagem de um livro localizado no canto inferior direito do quadro, sobre o qual descansa uma coroa de louros decorada por um laço. Esta coroa de louros é depositada sobre o livro por uma mão delgada feminina. A mão direita muito delicada suporta no dedo indicador um anel supostamente de formatura. Sucesso e feminilidade são representados no quadro de modo a garantir a mensagem de que mulher estava se formando ali. O jornal *República* de 16 de dezembro de 1922, traz publicado em duas páginas os detalhes da formatura das normalistas. Os discursos estão permeados de mensagens que sugerem o sacrifício das professoras que se formam. No discurso da oradora Urânia Gentil durante a cerimônia de formatura no auditório do CCJ, as formandas são convidadas ao exercício da missão patriótica de ensinar:

Nunca, em nossa pátria, a árdua missão de professora foi-lhe mais necessário que hoje. Nossa pátria, dizem os homens que se aprofundam nesses estudos atravessa uma crise de carácter que urge debellar. Ao professorado, cumpre batalhar pela bôa causa, tornando da creança, não só o individuo que saiba ler, mais o homem e a mulher que saibam agir. Não, é pois, de flores somente, sinão de espinhos também, a missão santa que vamos dentro em pouco iniciar.

³ Expressão criada por Arthur Carmo, através de um anúncio sob o título de: “retratos de distintas senhoras e senhoritas” publicado no jornal *República* de 02 de abril de 1922. Nele, o anunciante descreve uma exposição fotográfica em seu estúdio e convida a sociedade florianopolitana para apreciar os trabalhos do “artista-photographo”.

Mulheres de bem, casadas com a missão de formar, educar e preparar os futuros cidadãos para a vida no estado republicano em crise. Dessas mulheres era exigido o sacrifício de uma vida pessoal em prol da missão de ensinar. A coroa de louros que na Grécia Antiga, simbolizava o sucesso dos atletas olímpicos, que na maioria das vezes colocavam suas vidas em risco para homenagear os deuses pode ter o mesmo significado no quadro de formatura. Mais do que um símbolo de sucesso, a coroa de louros do quadro também pode ser um símbolo de sacrifício de um percurso forrado de espinhos e dificuldades. Assim como os heróis gregos, as normalistas eram depositárias da missão de dar a vida pela educação. Os princípios do cristianismo estão claros no discurso da aluna formada no colégio confessional. E a presença do arcebispo metropolitano no topo do quadro reforçam socialmente os preceitos que movem as irmãs da Divina Providência e o ensino que ministravam.

A formação das normalistas celebrada pela solenidade da formatura do colégio representa o ápice do processo de formação docente, legitimando e coroando as aptidões e talentos da instituição, das alunas, das famílias e do Estado. Os quadros de formatura cristalizaram em sua superfície pequenas frações do evento de colação de grau e das tensões que ocorriam no campo educacional no momento de sua emergência. A formatura de normalistas era apresentada como um sopro de esperança sobre a calmaria de ações que pairava sobre o Estado naquele momento e ratificava o investimento na formação de quadros para o magistério. O evento tornava-se valioso pela sua raridade e, por isso, era aguardado com expectativa e anunciado nos jornais da época como uma festa dedicada ao mérito, que deveria ser alardeada, lembrada, admirada e divulgada nos quadros de formatura e periódicos em circulação local.

O quadro de formatura analisado aqui é parte integrante da cultura material do colégio, que guarda em sua materialidade a capacidade de perenizar rituais, saberes e práticas na passagem do tempo. Relata através de sua composição predominantemente imagética a dinâmica da educação escolarizada fruto de uma construção social permeada de expectativas e interesses. Em sua composição é possível detectar lampejos imagéticos de alguns atores dessa dinâmica, porém o cruzamento com outros documentos, além de imprescindível amplia a análise do processo de trocas.

No momento em que o espaço social é praticado, as trocas se tornam inevitáveis e os indivíduos se conectam ou desconectam formando estruturas invisíveis semelhantes a uma rede. Esse fluxo contínuo de contatos e trocas pode sofrer alterações com o passar do tempo podendo diminuir ou expandir conforme a trajetória de cada participante. Por ser fruto de uma

interação social, o espaço de sociabilidade é dinâmico, racional e passional envolvendo relações amistosas e outras nem tanto. O quadro de formatura analisado como registro fragmentário do espaço de sociabilidade se abre como uma janela para compreender como o colégio articulava a construção de sua rede de sociabilidade. Quando enriquecida pelo entrecruzamento com outras fontes, a análise pode contribuir para desvendar parte da dinâmica social que envolvia o processo de escolarização catarinense. A formatura cristalizada parcialmente no quadro, mais do que uma celebração, que pretendia ser memorável procurou construir pontes. Um espaço praticado, onde atores sociais diversos podiam firmar amizades, alianças, cumplicidades, rejeições, antagonismos, contendas e competições. Estes espaços são marcantes e podem deixar cicatrizes, pois concretizam relações e enlaçam interesses e metas.

Os quadros de formatura não são uma exclusividade do CCJ, pois também foram construídos em outras instituições que, através deles, pretendiam dar sentido as suas práticas e a seus enunciados. O artefato, objeto dessa análise fornece indícios de reverberações do jogo social permeado de lutas e transformações, que podem ser acessadas através de sua composição. Composição imagética e repleta de sentidos construídos pelo grupo social que a concebeu e construiu. Uma construção preocupada em representar o sucesso e suprimir os aspectos conflitantes preteridos pela beleza e harmonia da composição. Contraditoriamente ao propósito inicial de sua materialização, a apropriação da análise histórica rompe membranas e revela carências e conflitos que envolviam o campo educacional, pois ao expor o sucesso das alunas, famílias e instituição, os quadros indiciam uma parcela das dificuldades que emperravam a expansão da escolarização no período.

O encontro entre o Estado laico, que procura no colégio confessional privado, o complemento para o projeto de escolarização do cidadão republicano. Pode-se inferir que o CCJ buscava se constituir como espaço de sociabilidade e a formatura era um momento privilegiado para promover os encontros com as autoridades e outros personagens ilustres da cidade. A reunião procurava expandir a rede de conexões e firmar o colégio no circuito de sociabilidade florianopolitano. O quadro de formatura não congregou todos os personagens da rede, mas colaborou para a problematização das intenções que o legaram à posteridade.

O quadro de formatura parece simbolizar o esforço das irmãs da Congregação da Divina Providência em construir ligações com os personagens centrais da trama política, religiosa e educacional da época. Expor as autoridades políticas e eclesiásticas no quadro de formatura indica uma intenção de aproximação e contato com as várias faces do poder

instituído, no intuito de apaziguar as circunstâncias desfavoráveis que assombravam a instituição. O cenário era promissor, pois o governo demonstrava a intenção de repassar parte de seu compromisso educacional para a iniciativa privada, logo, não era o momento de deixar qualquer sombra de dúvida sobre as intenções pedagógicas do colégio.

O quadro de formatura, submetido a análise historiográfica foi reapropriado a partir de uma leitura do agora. Com efeito, como na memória restam apenas migalhas de sua construção social que resistem e se deixam capturar nas entrelinhas e vazios da interpretação.

Referências

AGULHON, Maurice. **Penitents et francs-maçons de l'ancienne Provence**: essai sur la sociabilité méridionale, 3.ed. Paris: Fayard,1984.

COELHO JUNIOR, Nelson M. **Relicários de um tempo**: os quadros de formatura do Colégio Coração de Jesus 1922 -1929 (contribuições para o estudo da história da educação em Santa Catarina). Dissertação (mestrado). Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Educação, Florianópolis, 2013.

DE CERTEAU, Michael. **A invenção do cotidiano**: 1 A arte de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

GOMES, Ângela de Castro “Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo”. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: v.6., n.11, 1993. Pp.62-77.

Jornal A Época: Florianópolis, de 01 de janeiro de 1911.
Jornal República: Florianópolis, 16 de dezembro de 1922

MARINHO, Flavio. **A presença da imagem e o seu resgate: da paisagem cotidiana para o instante da escolha**. Dissertação (mestrado). Universidade do Rio Grande do Sul. Programa de Pós Graduação em Artes Visuais, Porto Alegre, 2002.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. da UNICAMP 2003.

SCHWARTZMAN, Simon, BOMENY, Helena Maria Bousquet, COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001, 388p.

SILVA, Vera Lúcia Gaspar da; TEIVES, Gladys Mary Guizoni. Grupos escolares: criação mais feliz da república? mapeamento da produção em Santa Catarina. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 10, n.1, p.3-15, jan./jun.2009 Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1827/1403>> Acesso em : 23 outubro. 2011.

SIMMEL, G. **Sociologia**. Organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho; São Paulo: Ática, 1983.

SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René (org.) **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2003. p p.231-270.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTA, Marcus Levy (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Alicerces da pátria: história da escola primária no estado de São Paulo (1890-1976)**. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

WERLE, Flavia Obino Corrêa. **Ancorando quadros de formatura na história institucional**. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/28/textos/GT02/GT02-322--Int.rtf>>. Acesso em: 18 de jun. 2006